

## 1 (UFAC)

Observe o trecho a seguir:

[...] Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d'água. E a cova era que nem marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque aquele buraco na lapa era marca do pezão de Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra indiada brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

ANDRADE, M. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 22.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 29-30.

Na passagem, Mário de Andrade retoma uma tradição de contar histórias, onde Macunaíma, o herói da nossa gente, representa uma espécie de símbolo de afirmação da nossa mestiçagem que até então, antes do modernismo, era vista como sinal de inferioridade. Ao sair da água encantada, porém, ele consegue ficar branco, enquanto seus dois irmãos, mais adiante, continuam com os traços indígenas e negroides. Essa metáfora compõe, junto com a forma de contar histórias:

- o pobre cenário de nossa relação com o passado.
- o irremediável apego a uma tradição narrativa, sem mais sentido para a época.
- o mergulho nas nossas raízes e o desafio de compreendê-las na sua complexidade.
- uma discussão que confirma, apenas, a falta de sentido de nossa malandragem, como marca da nossa identidade.
- a abertura para todos os ufanismos e exageros nacionalistas que marcariam a nossa trajetória de desembaraço de contradições.

## 2 (Uespi-PI)

Pré-Modernismo é o nome que se dá aos escritores que sinalizaram muito da sensibilidade estética e artística que será explorada pelas gerações de 1922 e 1926; escritores que produziram suas obras entre os anos de 1900 e 1920, a exemplo de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graça Aranha e Lima Barreto. Dentre as obras a seguir, quais foram escritas por pré-modernistas?

- Triste fim de Policarpo Quaresma, Recordações do escravidão Isaiás Caminha e O mulato.*
- Triste fim de Policarpo Quaresma, Os sertões e Canaã.*
- Os sertões, Canaã e Minha formação.*

- Recordações do escravidão Isaiás Caminha, Minha formação e Urupês.*
- Urupês, Helena e Os sertões.*

## 3 (FGV-SP)

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas [...] vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênias para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto empecem\* o progresso da nossa cultura científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cõncio\* de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade.

P. e E. deferimento.

Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

### \* Glossário:

“empecem”: prejudicam, impedem.

“cõncio”: consciente.

Na medida em que a solicitação de Policarpo Quaresma se dirige ao Congresso Nacional com seriedade extrema, para, no entanto, defender um ideal impossível e fora da realidade, essa personagem revela-se:

- a) quixotesca.
- b) trovadoresca.
- c) picaresca.
- d) bacharelesca.
- e) dantesca.

## 4 (UFAL)

Acerca das vanguardas europeias, analise as proposições a seguir.

1. Na literatura, as técnicas de pintura cubista correspondem à fragmentação da realidade, à superposição e simultaneidade de planos – por exemplo, reunir assuntos aparentemente sem nexos, misturar assuntos, espaços e tempos diferentes.
2. As propostas futuristas para a linguagem literária defendiam, dentre outras: as “palavras em liberdade”, por alterações sintáticas; a abolição dos adjetivos e dos advérbios; e a abolição da pontuação.
3. O Expressionismo se revela, na literatura, pelo culto ao belo, pela organização canônica das frases e pela preferência por temas que expressavam o universo interior dos escritores, como os sentimentos de amor, de medo e de dor.
4. Na literatura, o Dadaísmo caracteriza-se pela agressividade, improvisação, desordem, livre associação de palavras e pela invenção de palavras com base apenas em seu significante.

Estão corretas:

- a) 1, 2, 3 e 4.
- b) 2, 3 e 4, apenas.
- c) 1, 3 e 4, apenas.
- d) 1, 2 e 3, apenas.
- e) 1, 2 e 4, apenas.

## 5 (UPE-PE)

### Que Mário!

Por Marcílio Godoi

Meu querido Manoel, hoje és, e não te ofenderás com a metáfora, és uma propriedade minha. És uma fazenda que eu comprei. Comprei com minha alma...

Creio poder passear, de pijama, com a simplicidade desvestida dos meus sentimentos nos carreadouros do meu cafezal.

De Mário de Andrade a Manuel Bandeira.

Mário Raul de Moraes Andrade estava presente no lançamento do Modernismo, no famoso

banquete do Trianon, em 1921. Na ocasião, foi apresentado ao público por Oswald de Andrade como “meu poeta futurista”. Essa sua face, das revistas *Klaxon*, *Ariel* e *Nova*, do Mário que publicaria depois obras antológicas como *Losango Cáqui* e *Pauliceia Desvairada*, em poesia; e *Amar*, *Verbo intransitivo* e *Macunaíma*, em prosa, é só a mais conhecida dele. Mário de Andrade são vários, todos aficionados pela cultura brasileira. A saborosa correspondência andradiana a amigos, como Portinari, Bandeira e Drummond, é a melhor forma de conhecê-lo: seus dilemas, sua ideia do Brasil, sua rixa com o Rio de Janeiro, sua tristeza com o Estado Novo, ele que era um constitucionalista. Um enfarte o levaria em 1945. Talvez ali apenas um deles tenha morrido, pois tantos outros Mários nos ficam até hoje.

*Revista Língua*. Ano 3, n. 45, julho de 2009, p. 66.

A partir do texto e dos aspectos que envolvem a primeira fase do Modernismo brasileiro, analise as proposições a seguir.

- I. A chamada Semana de 1922 oficializou o início de um novo período para as artes brasileiras, em que a renovação crítica e a busca de uma nova expressão da cultura nacional se tornaram a tônica maior.
- II. Um dos expoentes do Modernismo brasileiro, Mário de Andrade foi chamado de poeta futurista por Oswald de Andrade, porque escrevia poesias sobre temas não pertencentes ao presente histórico do poeta, mas pertinentes a um futuro distante.
- III. Apesar de não ter estado presente à Semana de 1922, Manuel Bandeira provocou furores a uma parte da plateia do Teatro Municipal de São Paulo, depois que seu poema “Os Sapos” foi lido por Ronald de Carvalho.
- IV. Mário de Andrade e Manuel Bandeira se tornaram amigos e admiradores recíprocos. Como se lê no texto, Mário de Andrade confessa que os poemas de Bandeira sobre a cultura cafeeira despertam-lhe na alma grande emoção.
- V. Tanto Mário de Andrade quanto Manuel Bandeira produziram uma arte poética em consonância com o falar do povo brasileiro. Em seus poemas, a coloquialidade era um elemento que contrastava com o verso erudito dos parnasianos.

Estão **corretas** apenas:

- a) I, III e IV.
- b) II, IV e V.
- c) I, III e V.
- d) I e III.
- e) II e V.

## 6 (Unifei-MG)

Durante a apresentação de um programa recente em um canal de TV, veiculou-se, na Revista *Veja* (4/4/07), uma propaganda com os seguintes dizeres: “Amazônia: assista antes que acabe.”

Dessa frase, pode-se falar, exceto:

- a) as palavras “Amazônia” e “acabe” permitem uma dupla interpretação do enunciado.
- b) o sujeito do verbo *assistir* é “Amazônia”.
- c) uma das formas verbais está no imperativo afirmativo.
- d) tem-se uma oração subordinada adverbial temporal iniciada por locução conjuntiva.

## 7 (IBMEC)

### Racismo distraído

Luis Fernando Veríssimo  
(fragmento)

Nosso racismo tem a desculpa de ser distraído. O que nos absolve é que não nos damos conta. O Grafite não considera o seu apelido racista. Como é negro e comprido, deve achar o apelido bem bolado. Implícita neste racismo que não se reconhece está a ideia de que caricaturar carinhosamente ou infantilizar o negro é uma maneira de consolá-lo pela sua condição de diferente. Entre o negrão e o negrinho está a nossa incapacidade de dar nome certo ao preconceito.

E não é só com negros. Há anos que o humor brasileiro recorre a estereótipos raciais sem medir o insulto: o judeu sempre retratado como o avarento de sotaque carregado, o japonês invariavelmente bobo etc., além do negro em suas várias versões de primitivo divertido.

No trecho, “Implícita neste racismo que não se reconhece está a ideia de que caricaturar carinhosamente ou infantilizar o negro é uma maneira de consolá-lo pela sua condição de diferente.”, as duas orações sublinhadas são classificadas, respectivamente, como:

- a) subordinada adjetiva restritiva / subordinada substantiva completiva nominal.
- b) subordinada adjetiva restritiva / subordinada substantiva objetiva indireta.
- c) subordinada adjetiva explicativa / subordinada substantiva objetiva direta.
- d) coordenada sindética explicativa / subordinada adverbial consecutiva.
- e) subordinada adjetiva restritiva / subordinada substantiva objetiva direta.

## 8 (FEI-SP)

Leia com atenção um fragmento do poema extraído do livro *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, e responda às questões.

### A Flor e a Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
Vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.  
O sol consola os doentes e não os renova.  
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

[...]  
Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Observando as estruturas frasais de “A Flor e a Náusea”, percebe-se:

- a) o abuso de períodos compostos por subordinação.
- b) o uso preferencial de períodos compostos por coordenação.
- c) a ausência de períodos compostos.
- d) a ausência de períodos simples.
- e) o uso de uma pontuação caótica, a fim de dificultar a identificação das orações.

## 9 (Fatec-SP)

Quem primeiro me falou sobre as terras-raras acho que deve ter sido minha mãe, que era uma fumante inveterada e acendia um cigarro atrás do outro com um pequeno isqueiro Ronson. Certo dia ela me mostrou a “pedra” do isqueiro, retirando-a do mecanismo, e explicou que não era realmente uma pedra, e sim um metal que produzia faíscas quando raspado. Esse “misch metal” – consistindo, sobretudo, em cério – era uma mistura de meia dúzia de metais, todos eles muito semelhantes, e todos eles terras-raras. Esse nome curioso, terras-raras, tinha algo de mítico, de conto de fadas, e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas.

Acreditava que eram também dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.

SACKS, Oliver. *Tio Tungstênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. [Adaptado]

Considere as frases apresentadas.

[...] e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas. Acreditava que eram também dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.

Assinale a alternativa em que as frases foram conectadas, com ideia de condição, em um único período:

- a) [...] e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas, porém eram dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.
- b) [...] e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas, posto que também eram dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.
- c) [...] e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas, ainda que fossem dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.

- d) [...] e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas mas ainda eram dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.
- e) [...] e eu imaginava que as terras-raras não seriam somente raras e preciosas se fossem dotadas de qualidades secretas, especiais, não possuídas por nenhum outro elemento.

## 10 (Udesc-SC)

### Apólogo brasileiro sem véu de alegoria

[...] Noite sem lua nem nada. Os fósforos é que alumiam um instante as caras cansadas e a pretidão feia caía de novo. Ninguém estranhava. Era assim mesmo todos os dias. O pessoal do matadouro já estava acostumado. Parecia trem de carga o trem de Magoari. [...]

Antônio de Alcântara Machado. *Coleção Nossos Clássicos*. v. 57. p. 38-43. [Adaptado]

Marque a afirmação **incorreta** a respeito do período em destaque: “Os fósforos é que alumiam um instante as caras cansadas e a pretidão feia caía de novo.”

- a) O período é formado de três orações.
- b) **É que** é uma locução expletiva e, como tal, não tem função sintática e não é necessária ao sentido da frase.
- c) O **é que** torna a frase mais forte e põe em evidência o sujeito – Os fósforos.
- d) Se o **é** for deslocado para antes do sujeito, alterar-se-á a concordância: **Eram** os fósforos **que** alumiam um instante as caras cansadas e a pretidão feia caía de novo.

## 11 (UFBA)

I.

O menino parado no sinal de trânsito vem em minha direção e pede esmola. Eu preferia que ele não viesse. [...] Sua paisagem é a mesma que a nossa: a esquina, os meios-fios, os postes. Mas ele se move em outro mapa, outro diagrama. Seus pontos de referência são outros. Como não tem nada, pode ver tudo. Vive num grande *playground*, onde pode brincar com tudo, desde que “de fora”. O menino de rua só pode brincar no espaço “entre” as coisas. Ele está fora do carro, fora da loja, fora do restaurante. A cidade é uma grande vitrine de impossibilidades. [...] Seu ponto de vista é o contrário do intelectual: ele não vê o conjunto nem tira conclusões históricas – só detalhes interessam. O conceito de tempo

para ele é diferente do nosso. Não há segunda-feira, colégio, *happy hour*. Os momentos não se somam, não armazenam memórias. Só coisas “importantes”: “Está na hora do português da lanchonete despejar o lixo...” ou “estão dormindo no meu caixote...” [...]

Se não sentir fome ou dor, ele curte. Acha natural sair do útero da mãe e logo estar junto aos canos de descarga pedindo dinheiro. Ele se acha normal; nós é que ficamos anormais com a sua presença.

JABOR, A. O menino está fora da paisagem. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 abr. 2009. Caderno 2, p. D 10.

## II.

Vinte anos se passaram desde a queda do Muro de Berlim. A cidade comemora com uma programação rica em atividades. Pode-se conferir, por exemplo, uma grande exposição de fotografias na Alexander Platz ou ver de perto a restauração da East Side Gallery, um pedaço de muro ainda existente que se transformou numa galeria de arte a céu aberto. [...]

Em Berlim, [...] tenho ouvido a afirmação recorrente de que o muro persiste enquanto paisagem interiorizada pelos habitantes da cidade. [...] Onde buscar esse muro internalizado?

[...]

Tudo isso faz pensar nas cidades brasileiras, onde os muros tomam conta da paisagem, seja segregando favelas e bairros populares, seja cercando

os condomínios fechados dos bairros nobres. Berlim nos ensina que o muro é forma-conteúdo, é produto e também processo, reflete e condiciona o modo como uma sociedade lida com a diferença. O muro também produz a diferença e radicaliza a ocultação do “outro”, transforma diferença em segregação e desigualdade.

SERPA, A. Muros internalizados. *A Tarde*, Salvador, 1º ago. 2009. Caderno Opinião, p. A 3.

## III.

Todo muro tem dois lados. Se, do lado de cá, ele impede o avanço do nosso descaso para com os pobres; do lado de lá, ele vai servir de trincheira, casamata e torre para os que se aproveitam da pobreza “criminosamente” [...]. Com o muro, concretiza-se o que o Zuenir Ventura diagnosticou como uma cidade partida que, murada, será irremediavelmente repartida.

DAMATTA, Roberto. O problema do muro no Brasil. *O Estado de São Paulo*, 15 abr. 2009. Caderno 2. p. D 12.

Os três fragmentos oferecidos para a sua reflexão apresentam situações distintas, mas que se identificam ao tratarem dos muros visíveis e invisíveis que separam as pessoas. A partir de uma análise das ideias desses fragmentos, produza um texto argumentativo – na forma de prosa que julgar conveniente – em que você discuta a desigualdade reveladora de muros visíveis e invisíveis no Brasil, sugerindo alternativas de mudança.